



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 10, número 4, nov.-dez. 2021

ESTUDOS EPISTEMOLÓGICOS: UMA VISÃO SOBRE A CIENTIFICIDADE LINGUÍSTICA



EPISTEMOLOGICAL STUDIES: A VIEW ON LINGUISTIC SCIENTIFICITY

Cicero Nestor Pinheiro FRANCISCO
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR

RECEBIDO EM 27/06/2021 • APROVADO EM 27/01/2022

DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v10i4.3573>

Resumo

Este trabalho pretende se somar às discussões relacionadas à cientificidade da linguística, sobretudo em um período em que o conhecimento científico tem sido minorado por parte da sociedade. Sendo assim, discussões com teor epistemológico servem de alerta para a forma de como o caráter científico atribuído aos estudos linguísticos estão em consonância com o fazer científico da atualidade. A partir de pesquisas bibliográficas, coletamos as observações de diversos epistemólogos sobre o fazer científico e discutimos, brevemente, como as observações propostas são aplicáveis ao campo de estudos da Linguística. Como objetivo deste trabalho, pretendemos ressaltar o caráter cientificista da linguística além de provocar novas discussões epistemológicas que ajudem a enxergar o lugar de direito deste ramo das ciências.

Abstract

This work intends to add to the discussions related to the linguistics' scientificity, especially in a period in which scientific knowledge has been diminished by society.

Therefore, discussions with an epistemological content serve as an alert to how the scientific character attributed to linguistic studies is in line with current scientific practice. Based on bibliographical research, we collected the observations of several epistemologists on scientific practice and briefly discussed how the proposed observations are applicable to the field of linguistic studies. As the objective of this work, we intend to emphasize the scientific character of linguistics in addition to provoking new epistemological discussions that help to see the rightful place of this branch of sciences.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Linguística. Epistemologia. Ciência.

Keywords: Linguistics. Epistemology. Science.

Texto integral

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa apresentar uma discussão sobre questões que tratam da cientificidade da Linguística, costurando ideias de vários autores que se detiveram ao estudo das ciências e do seu respectivo papel na sociedade. Para todos aqueles que se aventuram no campo dos estudos da linguagem, há várias discussões sobre a questão de se entender a maturidade das pesquisas em Linguística se comparada ao que Kuhn (2013) classifica como maturidade da ciência, ou ainda, a questão de enquadrar (ou não) a Linguística no campo científico¹.

Tais questionamentos também foram aparecendo enquanto estudávamos a disciplina de Epistemologia na pós-graduação em Letras na Universidade Federal de Pernambuco sob a orientação do professor Dr. Antônio Carlos Xavier. Graças à abrangência da disciplina pudemos perceber a visão cientificista formada ao longo do tempo, primeiro para as áreas das chamadas ciências duras (*hard Science*), ou seja, as ciências naturais e, posteriormente, para as ciências sociais ou humanidades (*soft Science*) – distinção nem sempre fácil de fazer, tendo em vista a dificuldade de enquadrar, por exemplo, a psicologia que por vezes é “incluída num campo, às vezes noutra e não raro é dita pertencer a ambos” (HEMPEL, 1981, p. 11) - até chegarmos às discussões sobre os estudos linguísticos. Isto posto, a intenção desse trabalho é discutir algumas noções epistemológicas das investigações científicas, as quais utilizaremos na defesa da Linguística como um campo científico fértil, embasadas em princípios metodológicos como em qualquer área científica.

O entendimento de que há duas formas de se fazer ciência, como já exposto, resulta na separação entre *hard* e *soft Science*, conceitos que também aparecem dentro dos estudos linguísticos (BEVIR, 1992; YNGVE, 2004) e geram outra gama de discussões resultando em áreas de pesquisas linguísticas entendidas como pertencentes à *hard Science* e áreas abarcadas pela *soft Science*. Devido ao escopo da nossa pesquisa, não abordaremos a diferenciação entre as perspectivas *hard* e *soft* atribuídas à Linguística. Para isso sugerimos a leitura de Cook (2003).

¹ Como pode ser observado na discussão em < <https://specgram.com/CLXVI.2/01.editor.letter.html> >. Acesso em 22 de mar. de 2021.

Se percorrermos a história da ciência fica evidente o fato de que, à medida em que se foi fazendo experimentos científicos, buscou-se também o aperfeiçoamento dos métodos e a renovação dos critérios para que a ciência se constituísse como é hoje celebrada, ou seja, como área de prestígio. Entendemos que os estudos científicos evoluem e são, portanto, passivos de mudança (KUHN, 2013), no entanto, nossa postura neste trabalho visa estabelecer uma discussão a partir de vários pensamentos já aceitos pela epistemologia, que parecem estabelecidos quando se trata de questões científicas. Para apresentar ao leitor uma noção do avanço científico, citaremos dois exemplos que, entendemos, expressam bem o nível de avanço a que a ciência chegou.

O primeiro chega até nós através de Hempel (1981) que, ao tentar explicar a viabilidade da indução para o pensamento científico, apresenta-nos a história do médico húngaro Ignaz Semmelweis, atuante no hospital Geral de Viena entre 1844 e 1848, cujos esforços passaram a investigar o grande número de mulheres que morriam de febre puerperal ao se internarem no Primeiro Serviço da Maternidade, número este mais elevado que o das mulheres internadas no Segundo Serviço de Maternidade do mesmo hospital – ambos apresentavam taxas equivalentes em quantidade de pacientes. Semmelweis, que descobriu a causa da doença, chegou a testar entre diversas hipóteses uma que considerava a presença ou ausência de um padre que levava o último sacramento às pessoas moribundas. Esta hipótese, que hoje certamente soaria estranha aos olhos de um cientista, não foi descartada na época, uma vez que era preciso experimentar todas as situações possíveis para analisar o fenômeno e delimitar que fatores exerciam influência no ambiente pesquisado.

O segundo exemplo pode ser extraído de Afonso-Goldfarb (1994, p. 30) ao relatar a preocupação das Universidades em formar estudantes de medicina que eram “mais filósofos do que clínicos” e “mais antigos do que os próprios antigos”, uma vez que os estudos no período medieval eram muito mais focados na conservação dos saberes clássicos (da obra aristotélica, por exemplo) e embasados nas escrituras bíblicas. Todo conhecimento, portanto, deveria estar sempre subjugado à “palavra divina”, toda teoria era aceita desde que não apresentasse contradição para com os dogmas proferidos pela igreja. Desrespeitar essa norma implicaria em sérias consequências como comprovou, dentre outros cientistas daquele período, Galileu Galilei - construtor do primeiro telescópio, Galileu defendeu o sistema heliocêntrico (CHALTON; MACARDLE, 2017) indo de encontro ao pensamento da época que entendia ser o homem o centro da criação e a terra, lugar onde o homem habita, certamente deveria ser o centro do universo.

Afonso-Goldfarb (1994, p. 68) afirma que “o século XX desenvolveu maneiras novas de fazer ciência”; a autora cita, por exemplo, as teorias genéticas e a robótica. Questionamos o fato de que se há a possibilidade de as ciências naturais se atualizarem, por que há barreiras para reconhecer a Linguística enquanto um “novo” ramo científico? As experiências até aqui relatadas são exemplos de como a ciência natural avançou até desenvolver seu *status quo*. Concordamos com Hempel (1981) sobre a necessidade de se buscar uma invenção criativa na investigação científica, mas essa criatividade não tem a ver com “invencionismos” para justificar as bases de uma teoria linguística e sim com o papel de transformar dados em teorias, partindo do olhar do pesquisador familiarizado com seu campo de estudo,

possibilitando a atribuição de coerência para os fenômenos estudados – atividade rotineiramente desenvolvida por linguistas.

A metodologia utilizada no presente artigo foi a de uma pesquisa exploratória e bibliográfica (GIL, 1991) a partir da qual utilizamos procedimentos comparativos entre diversas discussões realizadas por epistemólogos. Esse tipo de pesquisa tem como objetivo “o aprimoramento de ideias” (GIL, 1991, p. 41). Assim, procuramos ir além da mera busca de informação sobre o tema aqui exposto, uma vez que, neste trabalho, procuramos relacionar os pontos de vista apresentados por diversos epistemólogos – que defendem e/ou promovem o fazer científico – com a reflexão sobre a adoção de uma visão científica que convida o leitor a refletir sobre os caminhos da pesquisa em Linguística, isto porque pretendemos evidenciar, ao longo deste trabalho, que as posturas adotadas por pesquisadores dessa área realizam pesquisas sob as premissas vigentes entendidas como o rigor científico necessário à qualquer ciência.

Organizamos este trabalho da seguinte forma: primeiro, apresentamos uma breve discussão sobre o pensamento científico ancorados em Bachelard (1996); depois falamos sobre a importância de se adotar modelos para a investigação científica (FOUREZ, 1995); na sequência apresentamos uma análise sobre o papel do conhecimento científico a partir de Löwy (2000) para, então, mencionar o papel da ação comunicativa proposta por Habermas (1978) e, por fim, falamos sobre a metodologia científica da Linguística (DASCAL, 1978), sobre a escolha do objeto para esta área (BORGES NETO, 2004) e faremos uma breve análise da importância de uma reconceptualização das ciências para o futuro sob a perspectiva de Santos (2008).

Ressaltamos que as discussões aqui apresentadas serão breves, pois pretendem instigar o leitor a realizar as próprias pesquisas sobre este tema a partir de uma visão crítica e epistemológica.

1 O PENSAMENTO CIENTÍFICO

Segundo Afonso-Goldfarb (1994), na primeira metade do século XX, um dos primeiros pesquisadores a pensar em como a ciência progride foi o cientista-filósofo francês Gaston Bachelard. Em seus estudos Bachelard (1996) discute sobre a grandiosidade do pensamento científico abstrato apresentando três momentos: a) o estado pré-científico: acúmulo de conhecimentos da antiguidade até o século XVIII; b) o estado científico: do fim do século XVIII até início do século XX; c) o novo espírito científico: a partir de 1905.

Falando desta terceira fase, o autor argumenta que “a partir dessa data, a razão multiplica suas objeções, dissocia e religa as funções fundamentais, propõe abstrações mais audaciosas” (BACHELARD, 1996, p. 09); o que evidencia, além do caráter evolutivo da ciência, sua “audácia” em sempre se atualizar, em não ficar preso às descobertas já realizadas, mas em usá-las para fomentar novos saberes. Esta é uma condição claramente presente nos estudos linguísticos que não lidam com um objeto único - como mostraremos mais adiante.

Para Bachelard (1996, p. 12-13) há uma distinção entre três estados do “espírito científico”² (concreto, concreto-abstrato, abstrato) – que indicariam a evolução da maturidade do pensamento nas ciências, relacionando-os a três estados de alma (alma pueril ou mundana, alma professoral, alma com dificuldade de abstrair e de chegar à quintessência) – que também indicariam a maturidade do pesquisador, sendo esta última incluída “no arriscado jogo do pensamento sem suporte experimental estável”. Ainda para este autor “chega o momento em que o espírito prefere o que confirma o seu saber àquilo que o contradiz” (Bachelard, 1996, p. 19). Nosso entendimento é o de que a *hard Science*, entende como contradição ao campo científico natural - que estuda questões aparentemente imutáveis (nas ciências físicas ou químicas, por exemplo) segundo as observações de Bachelard (2006) – entre outros, os estudos linguísticos que têm a língua mutável, variável e contextual como seu objeto de estudo. Sabemos que os linguistas não chegaram à quintessência dos postulados linguísticos tanto quanto cientistas de áreas bem mais antigas como os físicos, por exemplo, também não apresentam consenso sobre diversas questões, vejam-se, por exemplo, os estudos sobre a existência de matéria escura no universo; isto fica evidente na declaração feita sobre esta questão pela NASA³: “temos muito mais certeza do que a matéria escura não é do que o que é”.

A resistência em se reconhecer a Linguística como uma área científica, ao nosso ver, tem origem e consequências bastante visíveis na atualidade. A origem é proveniente de pesquisadores de outras áreas, de outras ciências sejam elas naturais ou humanas. Questões como a “maturidade” do campo científico parecem servir de elemento para a valoração desta ou daquela ciência (KUHN, 2013). Tome-se como exemplo o livro de Kuhn: *A Estrutura das Revoluções Científicas*; nele, apesar de ser possível perceber um breve comentário sobre o contato do autor com as ciências sociais, fica evidente que elas são ignoradas ao longo do livro, que se concentra em fornecer exemplos extraídos apenas das ciências naturais. A falta de atenção às ciências sociais deixa evidente a importância dada pelo autor aos estudos sobre ciência que assumem uma postura, por que não dizer, hierárquica, e que, neste caso, parecem atribuir maior status às ciências naturais.

Sobre este olhar, entendemos que o rigor adotado por diversos pesquisadores e por suas áreas científicas os impossibilitou de pensar novas formas de se fazer ciência. Nas palavras de Bachelard (1996, p. 18) “quando o espírito se apresenta à cultura científica, nunca é jovem. Aliás, é bem velho, porque tem a idade de seus preconceitos. Aceder à ciência é rejuvenescer espiritualmente, é aceitar uma brusca mutação que contradiz o passado”. A mutação a que aludimos aqui, em concordância com o autor, é aquela advinda com as pesquisas linguísticas que colocam o ser humano (seus comportamentos, sua cultura, sua intencionalidade) no centro do estudo de um ramo científico.

Nosso entendimento sobre o texto de Bachelard (1996) é que o espírito científico consiste em delinear e ordenar racionalmente todo o saber das ciências através de um pensamento crítico contínuo; atividade presente em qualquer

² Do francês *esprit scientifique*, que nas palavras do autor tem a ideia de inteligência científica.

³ Do original “We are much more certain what dark matter is not than we are what it is”. Disponível em < <https://science.nasa.gov/astrophysics/focus-areas/what-is-dark-energy> > Acesso em 09 set. 2020.

cientista sério – tomem-se os diversos estudos linguísticos e o esforço desses pesquisadores em justificar suas teorias, por exemplo.

Como consequência de posturas que ranqueiam as ciências na sociedade é possível encontrar ferrenhas discussões dentro da própria Linguística. A partir de diversas visões sobre esta questão encontradas em Xavier (2003), citamos, por exemplo, pesquisadores que não entendem a Linguística como uma ciência, seja porque este “rótulo” acabaria por reduzir o campo de atuação dos estudos da linguagem (c.c. Bernadete Abaurre), seja porque a própria noção do que é ciência não está clara (c.c. Rodolfo Ilari). Tais afirmações podem até parecer descomprometidas com o fazer científico, entretanto, corroboram com o dinamismo necessário ao cientista preocupado com a diversidade dos estudos em seus respectivos campos, pois, segundo Bachelard (1996, p. 20) “(...) pode-se com certeza dizer que uma cabeça bem feita é infelizmente uma cabeça fechada. É um produto da escola”. Nesta concepção entenda-se escola como perpetuação do que já está posto no universo das ciências, sem espaço para novidades ou novas posturas em relação ao fazer científico, o que nos leva a pensar sobre os modelos de investigação nas ciências, aspecto que discutiremos a seguir.

2 OS MODELOS DA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

Defendendo a ideia de que o pesquisador escolhe a teoria (e área científica) que melhor corresponde ao seu objeto de estudo, concordamos com Fourez ao citar Mach (1925) demonstrando que

Quando essas representações não nos convêm, por uma razão ou por outra, nós as substituímos por outras que nos sirvam melhor para fazer o que quisermos. Se desejo corrigir uma má-formação congênita, será melhor que eu tenha uma representação do mundo fortemente ligada à Biologia do que uma representando o corpo de maneira artística. Mas, para outros projetos, é possível que uma visão artística do mundo seja mais prática. As representações aparecem portanto mais ou menos válidas de acordo com os projetos humanos nos quais queremos situá-las (MACH 1925, p. 81 apud FOUREZ, 1995. p. 66).

A praticidade anunciada acima apresenta um elo evidente com os projetos de estudo em diversas áreas da Linguística, por exemplo, nos estudos linguísticos é possível analisar a língua no contexto social através da sociolinguística (LABOV, 2006), entender os processos de evolução linguística usando teorias da linguística histórica (FARACO, 2005) ou ainda demonstrar que saberes clássicos, como os da retórica, por exemplo, renovam-se de acordo com as práticas atuais de utilização da língua no ambiente das mídias digitais (XAVIER, 2013). Seja como for, está claro que a Linguística apresenta campos bem diversificados para dar conta dos modelos de análise por ela propostos.

Fourez (1995, p. 68) compara os modelos a serem seguidos na investigação científica com mapas. Esta metáfora corrobora com nosso ponto de vista, uma vez que, para o autor “o conteúdo de um mapa é determinado, da mesma forma que os modelos, pelo projeto que se teve ao fazê-los. Desse modo,

um mapa rodoviário não dá as mesmas indicações que um mapa geológico, e cada um deles é estruturado segundo um projeto diferente”; isto é, a prática do fazer científico na linguística pode apresentar um caminho diverso daquele proposto pelas ciências naturais, uma vez que, para ser eficaz, um bom mapa possibilita a localização de alguém de acordo com próprios projetos – para continuar a metáfora do autor – buscando-se, no interior da comunidade científica, a razão epistemológica das escolhas que justifiquem as abordagens para este ou aquele objeto de estudo.

A racionalidade científica para Fourez (1995) configura-se como a adoção de modelos de “leituras do mundo” empregados para justificar o ponto de vista científico do pesquisador. Tais leituras devem procurar, portanto, analisar quaisquer fenômenos, sejam eles naturais ou sociais, desde que haja o emprego de dispositivos teóricos adequados à investigação científica em cada campo de estudo que deve resultar na produção de um conhecimento científico.

3 O PAPEL DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO

Uma discussão profícua sobre o papel do conhecimento científico a partir de uma perspectiva dos estudos sociais pode ser encontrada em Michel Löwy (2000). Este autor apresenta o fato de como as ciências sociais surgiram para combater o poder instituído até então (clerical e monárquico) em favor de uma visão de uso social dos estudos científicos – desejo da burguesia de instrumentalizar o conhecimento para ascender ao controle da sociedade.

Löwy (2000) elucida como a teoria positivista, originada a partir dos ideais iluministas, inicialmente procurou ser subversiva, crítica e contestadora, sobretudo no pensamento de Saint-Simon, contra o caráter conservador estabelecido até então - visão abandonada pelos positivistas que o sucederam (Comte e Durkheim). Embora o caminho dos estudos sociais não tenha se firmado de acordo com a proposta revolucionária inicial, Löwy (2000) defende a neutralidade axiológica do positivismo estabelecida a partir da ideia de se fazer ciência de forma neutra, sem influência religiosa, ideológica ou política. Corroborando com este pensamento, livre de julgamentos, o autor apresenta a visão de Max Weber, considerando que não há distinção entre ciência natural ou cultural, mas sim distinção entre o que é ou não ciência; e a de Karl Popper de que “não há nenhuma diferença em termos de objetividade entre o cientista natural e o social” (LÖWY, 2000, p. 52). Tais posicionamentos estão na esteira da construção de campos científicos autônomos independente da área a que estão filiados.

Löwy (2000) cita, ainda, o pensamento de Karl Popper enfatizando que este autor propõe uma nova teoria da objetividade científica: a objetividade institucional. Tal objetividade consiste no reconhecimento que parte das instituições (por exemplo universidades, publicações científico-sociais) sobre o que é (ou não) científico. De acordo com este ponto de vista, são as instituições que devem validar o caráter científico das atividades de pesquisa, embora essa visão seja criticada por Löwy (2000, p. 55), ao elucidar que há cientistas sociais, “incapazes e mesmo indispostos”, de estabelecer uma linguagem comum em seus campos de atuação.

Um bom exemplo para a consistência desta afirmação encontra-se, por exemplo, no fato de que os linguistas precisam, constantemente, estabelecer e justificar metodologicamente os motivos de suas escolhas epistemológicas, mesmo para pesquisadores de “dentro” da Linguística. Ainda nas palavras do autor, “é absolutamente verdadeiro que a ciência não pode progredir sem a liberdade de crítica, debate, confronto entre escolas diversas e confrontação permanente de pontos de vista distintos entre pesquisadores” (LÖWY, 2000, p. 56). Acreditamos, entretanto, que procedimentos como esse tornam mais rica a fundamentação teórica dos linguistas que visam descrever os fenômenos estudados e mais alicerçada, epistemologicamente, a ciência linguística.

Dentre as críticas que a ciência positivista tem que responder, há a da instrumentalização da razão em favor da ordem industrial promovida pela burguesia (LÖWY, 2000) e que deixou de lado o interesse da maioria (ou do proletariado, nas palavras do autor). No entanto, o desenvolvimento de uma nova proposta teórica fomentada por Jürgen Habermas (1987), não apenas busca fazer um retorno às ideias iluministas, como também se configura como totalmente pertinente à nossa defesa da importância dos estudos da linguagem ao propor uma Teoria da Ação Comunicativa (HABERMAS, 1987).

4 A TEORIA DA AÇÃO COMUNICATIVA

A Teoria da Ação Comunicativa reconhece que a racionalidade instrumental visa o domínio da natureza e sua submissão ao homem. Esta razão, sempre à serviço do conhecimento técnico-científico, favorece o aprimoramento e o crescimento da força produtiva humana submetida ao sistema capitalista, desenvolvido de maneira unilateral, de forma que fica assegurada a sua manutenção. Essa questão para Habermas (1987) pode ser resolvida com a substituição da razão instrumental pela razão comunicativa, a partir da qual o homem age sobre a natureza e sobre a sociedade visando construir, através do diálogo, um sistema social de interação no qual as pessoas, através da utilização da linguagem, interagem para a construção de uma sociedade produtiva e igualitária. Nas palavras do autor:

Así, la razón comunicativa no se limita a dar por supuesta la consistencia de un sujeto o de un sistema, sino que participa en la estructuración de aquello que se ha de conservar. La perspectiva utópica de reconciliación y libertad está basada en las condiciones mismas de la socialización (Vergesellschaftung) comunicativa de los individuos, está ya inserta en el mecanismo lingüístico de reproducción de la especie (HABERMAS, 1987, p. 507).

A observação de Habermas (1987) remete-nos, mais uma vez, para a reflexão da importância do ato comunicativo e, por conseguinte, para a importância do estudo linguístico. Destacamos, com insistência, a importância de um ramo científico que estude os processos comunicativos e que permita às demais áreas do conhecimento compreender processos e fenômenos pertinentes à língua e ao seu uso. Tais fenômenos são tantos e tão diversos que só com uma ciência autônoma e versátil seria possível propor estudos para tentar

compreender a linguagem e o seu funcionamento – ainda que, por vezes, isso resulte em tensões dentro da própria área. Essas tensões justificam-se pela pesquisa e pela análise para a compreensão dos fenômenos linguísticos da melhor forma científica possível.

5 A METODOLOGIA CIENTÍFICA DA LINGÜÍSTICA E A ESCOLHA DE UM OBJETO

Marcelo Dascal (1978, p. 19) ao discutir a metodologia científica usada pela Linguística afirma que “a evolução recente dessa disciplina, portanto, constitui-se num campo privilegiado para o estudo dos vai-e-vens do pensamento científico”. Fica evidente, nas palavras do autor, não apenas o pertencimento desta área ao campo científico, como também sua possível contribuição às demais ciências. Dascal (1978, p. 19-20) ainda argumenta sobre o modelo de cientificidade linguística para as demais ciências humanas. Assim, este modelo pode ser comprovado ao nos depararmos com certas palavras-chave como *estruturalismo* ou *behaviorismo*, cimentando a Linguística como uma ciência altamente conscientizada no que se refere ao aspecto metodológico.

Dascal (1978) faz, em sua análise, um percurso sobre a história da metodologia que justifica as bases epistemológicas de algumas correntes dos estudos linguísticos (Estruturalismo, Gerativismo) elucidando a que posição epistemológica elas estão filiadas. Em sua fundamentação, Dascal (1978) discute que é vaga a aplicação da teoria dos paradigmas, proposta por Kuhn (2013), para explicar o avanço científico⁴ – como admite o próprio Kuhn – uma vez que essa teoria apresenta caráter mais ideológico que científico, não sendo, por isso, adequada à análise para a comprovação se uma determinada teoria merece (ou não) o título de “revolucionária” e, com ele, o *status* de mais adequada do que suas concorrentes. A discussão de Dascal (1978) mostra-se eficaz para arregimentar os motivos por que os pesquisadores de “dentro” do próprio campo da Linguística não chegam a um consenso sobre qual a melhor abordagem para os estudos da linguagem frente ao seu objeto de estudo.

Ainda tratando sobre a abordagem da linguística para os estudos científicos, Borges Neto (2004, p. 32) argumenta que “ao escolher o objetivo *fazer ciência*, a linguística propõe de fato um modo de construir ou conceber seu *objeto*, a linguagem” (destaque do autor). Mas se o fazer científico muda, se a própria concepção de fazer ciência também não é estanque, como conceber esse objeto (língua) dentro de uma teoria científica?

Borges Neto (2004) nos ajuda a enxergar a resposta para esta questão afirmando que cada um de nós (linguistas) sabe o objeto de sua especificação dentro da Linguística. Nas palavras do autor: “não haveria *um objeto*, mas sim um ‘feixe’ de fenômenos relacionados entre si, passíveis de ser estudados de pontos de vista diferentes e independentes uns dos outros” (BORGES NETO, 2004. p. 33, grifo nosso). Partindo dessa visão não seria possível, então, falar em centralidade ou periferia de estudos linguísticos, como este não é o propósito deste estudo, não abordaremos este assunto, o leitor pode encontrar mais informações sobre essa discussão em Weedwood (2002).

⁴ Dascal faz sua análise levando em consideração as discussões de evolução científica a partir da multiplicidade teórica dos estudos linguísticos.

Fazendo um percurso através de vários vieses e fornecendo análises para questões como: se o objeto da linguística é observacional ou teórico; resgatando o conceito nocional ou filológico dos estudos históricos relacionados à linguística; dentre outras questões, Borges Neto (2004) apresenta alguns dos porquês de existirem várias teorias linguísticas concorrentes. Ele chama à atenção para o fato de que “não há um ‘objeto natural’ delimitado anteriormente a qualquer opção ou trabalho teórico – ‘prontinho’ para ser investigado” (BORGES NETO, 2004, p. 62); assim, o pesquisador em Linguística acaba por criar o seu objeto de estudo a partir de uma opção teórica que reconhece o mundo dos fenômenos da língua, recortando-o com o fim de entendê-lo. Esta opção metodológica delimita tanto o objeto como a forma pela qual ele será abordado.

A cientificidade da Linguística está, portanto, na forma em como ela explica fenômenos linguísticos que não estão no nível da simples percepção - daí a importância de qualquer campo científico - a partir de posturas teóricas sérias e engajadas com o papel da ciência que, por sua vez, deve se preocupar constantemente com a construção/manutenção do pensamento científico.

6 A RECONCEPTUALIZAÇÃO DO PENSAMENTO CIENTÍFICO

Muito se tem discutido sobre o papel da ciência, sobre a atuação científica do homem frente às posturas que apontam vários males resultantes do encapsulamento do conhecimento, sobretudo, nas “mãos” das indústrias, de grandes conglomerados de empresas que abusam do poder do homem sobre a natureza - se é que realmente ele o tem - e sobre o próprio homem, que desembocam em questões como a manipulação genética e o controle das preferências individuais através de algoritmos de computador (HARARI, 2018). Colocamos tais questões apenas para elucidar que nenhum campo do conhecimento pode se arrogar como privilegiado; ainda que “problemas de casa não se levem à praça” não se pode negar que eles existem - e incomodam.

Todo e qualquer conhecimento para se configurar como decente deve levar as pessoas a uma vida produtora (SANTOS, 2008). Não apenas concordamos com este pensamento como também com o exposto por Santos (2008) sobre o “paradigma emergente” ao apresentar a proposta de uma ciência unificadora (áreas sociais e naturais), não fragmentada, que ressalte a humanidade e resulte na compreensão do mundo.

Dessa forma, concordamos com a proposta do autor de que as ciências sociais e naturais, aproximando-se das humanidades, isso é, que busquem a compreensão (e não a manipulação) do mundo e de como se portar nele, assim, faz-se *mister* que haja uma reflexão em nível global da utilização do conhecimento humano em detrimento da discussão *hard* ou *soft Science*. Nesta esteira também incluímos a linguística que deve ocupar-se (e o faz) de promover o desenvolvimento humano através de uma prática sistemática, usando métodos científicos que deem conta do fenômeno linguístico; atividade esta que deve traduzir-se em sabedoria de vida (SANTOS, 2008).

Diante do exposto, ressaltamos a importância de se criticizar, constantemente, não apenas o papel da ciência, mas também a condição de ciência própria da Linguística. Há tanto a preocupação do homem com a linguagem desde

os primórdios do conhecimento humano, quanto é inegável a busca por métodos e procedimentos científicos cada vez mais refinados para a compreensão dos fenômenos linguísticos e, como verificamos neste trabalho, por exemplo, é possível atribuir à Linguística discussões epistemológicas pensadas para os demais campos científicos, assim: *habemus scientia linguae, habemus scientia*.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procuramos argumentar acerca do caráter científico dos estudos linguísticos caracterizando a Linguística como uma ciência tão embasada epistemologicamente quanto qualquer outra.

Nossa “costura” de autores, de base teórica formada majoritariamente por epistemólogos, poderia ser realizada por outros meios a partir dos mesmos autores ou a partir de tantos outros pesquisadores que se dedicam à análise do estudo científico. Justificamos mais uma vez a escolha por autores que, em sua maioria, não pertencem ao campo da teoria linguística, esta postura configura uma tentativa de ilustrar que as visões epistemológicas pensadas para o campo científico em geral, encontram correspondência no pensamento que estabelece os estudos linguísticos. Dessa forma,

A mesma lógica pode, aliás, ser utilizada tanto pelas ciências naturais quanto pelas ciências humanas. Em ambos os casos, *trata-se de produzir uma visão do mundo que nos permita dizer o que queremos dizer e agir da maneira que queremos*. Porém, onde o positivista dizia: “O mundo é assim”, as tradições popperianas tenderão a dizer simplesmente: “Nesta situação, parece-nos mais interessante representar o mundo desta maneira”. Não se cai no relativismo, mas torna-se possível perceber que, em nossa história humana, há lugar para um a variedade de verdades, em vez de uma só, tão facilmente totalitária na medida em que se quer impô-la a todos e em qualquer circunstância (FOUREZ, 1995, p. 87, grifo nosso).

É em defesa dessa “variedade” que entendemos ser nociva a postura de fechar-se em um ou noutro campo do saber. Entendemos que “o homem se apega àquilo que foi conquistado com esforço” (BACHELARD, 1996, p. 11), no entanto, também entendemos que usar a linguagem é agir comunicativamente (HABERMAS, 1987) para a construção de uma nova postura paradigmática de estar e agir no mundo (SANTOS, 2008); com a língua tudo se cria, tudo se forma.

Não poderíamos encerrar nosso pensamento sem atribuir os devidos créditos à construção epistemológica do pensamento científico pois, muito mais que normatizar, a crítica epistemológica essa construção nos permite exercer a faculdade do debate aberto, do diálogo entre iguais; sempre que se pretende compreender, sugerir ou identificar aspectos que levem a discussão acerca da ciência para outro nível: o nível do entendimento.

AFONSO-GOLDFARB, Ana Maria. O que é história da ciência. São Paulo: Brasiliense, 1994. 1 ed.

BACHELARD, Gaston. A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento; tradução de Estela dos Santos Abreu. - Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BACHELARD, Gaston. A epistemologia; tradução Fátima Lourenço Godinho, Mário Carmino Oliveira. -Lisboa, Portugal: Edições 70, 2006.

BEVIR, Mark. The Errors of Linguistic Contextualism. *History and Theory*, vol. 31, no. 3, 1992, pp. 276–298. JSTOR, www.jstor.org/stable/2505371. Acesso em 21 de Junho de 2021. p. 276-298.

BORGES NETO, José. Ensaios de filosofia da linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CHALTON, Nicola; MACARDLE, Meredith. A história da ciência para quem tem pressa; tradução Milton Chaves. Rio de Janeiro: Valentina, 2017.

COOK, Guy. *Applied linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

DASCAL, Marcelo (org.). *Fundamentos Metodológicos da linguística*. São Paulo: Global, 1978.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FOUREZ, Gérard. A construção das ciências: introdução à filosofia e à ética das ciências; tradução Luiz Paulo Rouanet. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995. p. 63 a 89.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1991. 3. ed.

HABERMAS, Jürgen. *Teoria de la acción comunicativa I - Racionalidad de la acción y racionalización social*. Madri: Taurus, 1987.

HARARI, Yuval Noah. *21 lições para o século 21*; tradução de Paulo Geiger. – São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HEMPEL Carl. G. *Filosofia da Ciência Natural*; tradução Plínio Sussekind Rocha. - Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981 p. 11 a 64.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*; tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. – São Paulo: Perspectiva, 2013.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*; tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. - São Paulo: Parábola editorial, 2006.

LÖVY, MICHAEL. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento*; tradução de Juarez Guimarães; Suzane Felicie Léwy. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2008.

YNGVE, V. The depth hypothesis and the new hard-science linguistics. Em: YNGVE, V.; WASIK, Z. *Hard-Science Linguistics*. York Road, London: Continuum, 2004. p. 03-13.

WEEDWOOD, Bárbara. *História concisa da linguística*; tradução de Marcos Bagno. – São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

XAVIER, Antonio Carlos; CORTEZ, Suzana (orgs.). *Conversas com linguistas – virtudes e controvérsias da linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

XAVIER, Antonio Carlos. *Retórica digital: a língua e outras linguagens na comunicação mediada por computador*. Recife: Pipa Comunicações, 2013.

Para citar este artigo

FRANCISCO, Cicero Nestor Pinheiro. Estudos epistemológicos: uma visão sobre a cientificidade linguística. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 10, n. 4, p. 1616-1628, nov.-dez. 2021.

O autor

Cicero Nestor Pinheiro Francisco é doutorando do PPGL-UFPE.